

## A EDUCAÇÃO ASTECA NOS SEUS ASPECTOS INFORMAL E FORMAL

*Ms. Reginaldo Aliçandro Bordin<sup>1</sup>*

**RESUMO:** A educação asteca estava formada basicamente por duas etapas: a informal e a formal. A primeira era ministrada nos lares e pela sociedade, com a participação dos pais e dos mais velhos. A segunda, em dois centros educacionais: o *telpochcalli* e o *calmécac*. Com essa característica, a educação asteca foi organizada no sentido de atender as necessidades dessa sociedade nos seus aspectos religiosos, econômicos e políticos, o que explica estar orientada principalmente para formar os jovens para a atividade bélica e para o exercício religioso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, asteca, México, América Latina.

### 1 - Introdução

Entre os astecas, a educação teve participação decisiva na preparação e incorporação dos homens na vida econômica, religiosa, política e social. Para cumprir com essa função, estruturava-se desde a família com a participação efetiva dos pais e da comunidade, responsáveis por iniciar o processo de formação. Mas era nas escolas de ensino especializado, o *telpochcalli* e o *calmecác*, que os jovens recebiam uma formação mais aprofundada, em vista de a preocupação central destas escolas estar direcionada para assuntos bélicos e religiosos.

### 2 - Educação informal

#### 2.1 - Educação Familiar

A primeira etapa da educação asteca acontecia na esfera doméstica. Desde o nascimento, os pais procuravam orientar seus filhos para que aprendessem as regras da comunidade e os ajudassem em suas

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, Professor no Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: r.a.bordin@uol.com.br

atividades laborais. Ensinar os filhos a falar corretamente, a se comportar respeitando os mais velhos e a trabalhar parecia ser a principal preocupação familiar. O método utilizado para a realização dessas finalidades era o das exortações e recomendações, mas não faltavam castigos em caso de indisciplina.

As primeiras lições em que os pais se empenhavam destinavam-se a ensinar os filhos a bem falar e se expressar cuidadosamente, orientando-os a transmitir as idéias com clareza, falando baixo e pausadamente; recomendavam que não interrompessem a conversa, sobretudo dos adultos, atitudes que demonstram atenção especial para com a comunicação (TODOROV, 1999):

Sé, hijo, bien criado y no te entremetas cuando no fueres llamado, porque no des pena y no seas tenido por mal mirado. No hieras a outro ni des mal ejemplo, ni hables demasiado ni cortes a otros la plática, porque no los turbes, y si no hablan derechamente, para corregir los mayores, mira bien lo que tú hablas. Si no fuere de tu oficio o [no] tuvieres cargo de hablar, calla, y si lo tuvieres, habla, pero cuerdamente y no como bobo o como quien tiene presunción, y será estimado lo que dijeres [...] No seas parlero ni te detengas en el mercado ni en el baño, porque no te engañe el demonio. (LAS CASAS, 1992, p.1399)

Bartolomé de las Casas, em sua *Apologetica Historia Sumaria*, ao comentar as orientações que o pai dava às crianças, mostra que a comunicação era muito importante, tanto na sua forma quanto no seu conteúdo. Segundo suas informações, o asteca procurava encaminhar a educação das crianças para que aprendessem a falar a verdade e transmitir corretamente as informações.

No digas o murmures mal de alguien; calla, hijo, lo que oyeres, y si siendo bueno lo hobieres de contar, no añadas nada. Si ante ti há pasado y te lo preguntaren, calla, porque no te abrirán para saberlo. No mientas ni te des a parlarías; si tu dicho fuere falso, muy gran mal cometerás. (LAS CASAS, 1992, p.1400)

Essa preocupação do pai demonstra situações distintas, mas inter-relacionadas. Primeiro, a ausência de escrita fonética<sup>2</sup> possibilitou que

---

<sup>2</sup> O asteca utilizava-se de desenhos e pictografias para registrar seu conhecimento e suas experiências, conhecidos como *Códices*. Dos *Códices* que sobreviveram à Conquista, é provável que somente o Borbônico seja anterior à chegada dos espanhóis.

formulasse uma linguagem mais cuidadosa, pois sua função era materializar a memória social e coletiva, ou seja, o conjunto de normas e valores que deveriam ser transmitidos de uma geração à seguinte. Em contrapartida, a preocupação dos pais com a precisão das informações, sob pena de castigo, pode indicar que a mentira era uma tendência que precisava ser evitada.

Além da ação educativa de falar bem, era preocupação dos pais transmitir valores fundamentais para que seus filhos fossem considerados polidos, honestos e disciplinados. Para obter esse comportamento, em seus discursos, lembravam-nos dos deveres com os deuses, do respeito à tradição, do serviço comunitário, e advertiam a que não seguissem o exemplo de pessoas indisciplinadas e mal-educadas. Para o asteca, que considerava viver num mundo hostil, obedecer às normas era essencial para garantir a perpetuidade de seu mundo, o que explica os rigores da disciplina e da lei.

No sigas a los locos y desatinados que ni acatan a padre ni reverencian madre, mas como animales no van camino derecho y, como tales, sin razón, ni oyen doctrina ni se dan nada por corrección. El tal que a los dioses ofende mala muerte morirá, desesperado o despeñado, o las bestias lo matarán y comerán. Mira, hijo, que no hagas burla de los viejos o enfermos o faltos de miembros, ni del que está en pecado o erró en algo (LAS CASAS, 1992, p.1399).

De outra maneira, conforme já mencionado, buscava-se instruir as crianças para serem cordiais e respeitosas com os mais velhos, pois, herdeiras da tradição cultural e religiosa, representavam a continuidade dos valores produzidos pelos ancestrais.

Hijo mío, criado y nacido en el mundo por Dios, en cuyo nacimiento nosotros tus padres y parientes pusimos los ojos. [...] Vive, hijo, con tiento, y encomiéndate al dios que te crió, que te ayude, pues es tu padre que te ama más que yo. Sospira a él de día y de noche, y en él pon tu pensamiento. [...] reverencia y saluda a los mayores, no olvidando a los menores. [...] A todos honra, y más a tus padres, a los cuales debes obediencia, servicio y reverencia [...] no sigas a los locos desatinados [...] no hagas burla de los viejos o enfermos o faltos de miembros, ni del que está en pecado o erró en algo. [...] no vayas haciendo gestos, ni trabes a outro de la mano. [...] No hables primero que ellos[viejos], ni atraveses por delante. [...] No murmures, ni digas mal de alguno: calla, hijo, lo que oyeres (MENDIETA, 1985, p.38-40).

A vigilância do comportamento na vida pública constituía parte importante na educação familiar, pois demonstrava o desempenho dos pais na condição de educadores. Compunha também o processo pedagógico ensinar os filhos a avaliarem os seus erros e suas faltas.

Hijo mío muy amado y muy querido, nota lo que te diré. Nuestro señor te há traído en esta hora donde te quiero hablar cerca de lo que debes guardar todos los días de tu vida. [...] Quiero hacer mi deber, porque si mañana o esotro día Dios me llevare y quitare de sobre la tierra, porque estamos sujetos a la fraqueza humana y a la muerte, y nuestra vida sobre la tierra es muy incierta. [...] Vivas muchos días sobre la tierra en servicio de Dios, y seas bienaventurado. Mira que estás avisado, porque este mundo es muy peligroso, muy dificultoso y muy desasosegado, y muy cruel e temeroso, y muy trabajoso.[...] Mira que pongas su vida delante de tus ojos, y luego conocerás las faltas que tienes y las razas y manchas que hay en ti (SAHAGÚN, 1988, p.373-375).

A educação que os pais procuravam realizar em seus lares também tinha objetivos práticos, como meio de disciplinar o filho. A realização de tarefas consideradas essenciais, como ajudar a manter a casa limpa, era um importante elemento nesse processo de aprendizado. Além disso, os trabalhos domésticos iniciavam os meninos em atividades que exercitariam o físico, preparando-os para situações extremas, por exemplo, a guerra. Por isso, carregar lenha e água para casa e os templos, dormir em cama dura e tomar banhos gelados no frio tinham por finalidade fortalecer o corpo, além de robustecer o caráter moral.

As tarefas impostas às crianças variavam segundo a idade. Por volta dos três anos, as atividades eram fáceis, como aprender a tomar banho, vestir-se e dormir com pouca roupa. Com um desenvolvimento maior das condições físicas e das capacidades adquiridas anteriormente, a criança prosseguia em seu aprendizado, já com tarefas um pouco mais difíceis, carregando água e transmitindo recados. Daí a importância de saber se expressar e de ser fiel à mensagem a ser transmitida. Aos cinco anos as tarefas eram mais pesadas, por exemplo, transportar lenha para abastecer as fogueiras nos lares e caminhar longos percursos para aumentar a capacidade física. A partir daí, os meninos passavam a ajudar no mercado local, nas atividades agrícolas. Por volta dos seis ou sete anos, suas atividades ganhavam maior importância, pois aprendiam o ofício dos pais, entre outros, tecer redes de pescar, trabalhar os metais, confeccionar mantas e fabricar

armas. Em torno dos oito anos, as crianças ajudavam os pais em suas tarefas diárias (ORDOÑEZ, 1992).

O cuidado com a formação de seus filhos expressava-se também na disciplina, sendo abundantes os castigos, fossem eles advertências verbais ou penas corporais. Segundo Gonzalo Aguirre Beltrán, antes dos oito anos, a disciplina era obtida pela admoestação, mas a partir de então as punições passavam a ser corporais, sendo mais severas conforme a idade. Os castigos iam desde beliscões pelo corpo até açoites com varas, picadas com espinhos de *maguey*<sup>3</sup>, irritação das mucosas nasais e dos olhos com fumaça produzida por uma fogueira de pimentas vermelhas ou a exposição do corpo a baixas temperaturas, sem roupa (BELTRÁN, 1992,).

Quando chegavam na adolescência, por volta dos 13 ou 14 anos, os meninos estavam prontos para se integrar à vida social de modo mais efetivo e, por isso, eram motivados a trabalhar por conta própria, normalmente levando canoas pelos rios, cortando carriços, pescando e executando pequenas tarefas no mercado local até entrarem nas escolas especializadas (KRICKEBERG, 1990). Destarte, a educação familiar possibilitava aos meninos contribuir com a manutenção da casa, quando estes faziam trabalhos junto aos seus pais ou responsáveis. O domicílio e o ambiente de trabalho convertiam-se em “espaços pedagógicos”, onde as crianças eram vigiadas constantemente e instruídas a realizar suas obrigações.

A severidade da disciplina revela a preocupação do asteca em manter uma conduta social considerada exemplar. Dessa forma, as duras punições procuravam coibir nas crianças e jovens a possibilidade de transgredir as regras e a ordem social.

Nesse caso, procurava-se instruir as crianças para que assumissem valores que davam unidade ao grupo, pois acreditavam que dessa forma poderiam garantir a estabilidade do Universo ameaçado por cataclismos. Na busca pelos princípios morais e religiosos que regulamentariam a vida social, garantindo vínculos sociais mais estáveis, os astecas contavam com a participação da comunidade no processo de formação de suas crianças e adolescentes.

---

<sup>3</sup> Planta do gênero agave, da qual os astecas extraíam espinhos usados nas cerimônias, o pulque (bebida alcoólica) e fibras para roupas.

## 2.2 - Educação na comunidade

A preocupação com a formação das crianças não se caracterizava como uma ação exclusiva dos pais. Sua importância levou os astecas a se acreditarem convocados a participar do processo educativo com maior cuidado e responsabilidade. Nesse processo educacional, coube ao ancião uma participação mais ativa, ao socializar os saberes acumulados ao longo dos anos.

A educação assumida pela comunidade contava, principalmente, com a ajuda de pessoas mais experientes, que assumiam adolescentes na condição de aprendizes para transmitirem as técnicas dos seus ofícios. No caso específico dos *pochteca*, o comerciante, para iniciar carreira deveria ser aceito pelas autoridades do comércio e participar de expedições como aprendiz.

Independentemente de qual fosse a profissão, cabia ao responsável por um aprendiz exortá-lo quanto à necessidade de se manter em constante vigilância em relação aos costumes e às normas morais. Segundo Luis Villoro, esse papel cabia aos mais velhos e experientes, pois representavam a sabedoria, a prudência e a virtude de seu povo, virtudes que alcançaram por meio de uma vida dedicada ao autodomínio e à penitência, o que os credenciava a serem condutores da juventude (VILLORO, 1987).

As lideranças também se responsabilizavam pelo processo pedagógico à medida que promoviam leis que regulamentavam o ensino. Nesse sentido, o “Imperador” era o maior responsável pelo processo educacional, ao oferecer as diretrizes básicas das atividades pedagógicas e da conduta social, por meio de conselhos morais e pela promulgação de leis (PEREIRA MELO, 2000).

A partir de 1427, ao conquistar a independência dos *tepanecas*, um novo conjunto de medidas estabelecia a educação como prioridade do Império Asteca. *Moteczuhzoma Ilhuicamina* e *Tlacaélel* se empenharam em iniciar reformas que pretendiam abranger todos os aspectos possíveis da vida comunitária, como o judiciário, o político, o religioso e ideológico, o militar e o educacional.

A complexidade da sociedade, entretanto, deu condições para que os imperadores regulamentassem o ensino em escolas que complementavam a educação recebida em casa e na sociedade.

### 3 - Educação formal

Após completarem quinze anos, os jovens iniciavam um novo processo educacional, passando a viver nas “escolas de solteiros”, onde receberiam um ensino formalizado e mais aprofundado. Os conhecimentos e habilidades transmitidos nesses centros educacionais, o *telpochcalli* e o *calmécac*, permitiam produzir e reproduzir os quadros produtivos e ideológicos dessa sociedade. Assim, esses centros educacionais representavam a etapa final da formação de um jovem antes de sua inclusão como membro efetivo da comunidade.

#### 3.1 - Telpochcalli e a Educação do Guerreiro

Devido à importância que o *telpochcalli* ocupou na sociedade asteca, é possível ter existido uma “casa de guerreiros” em cada *calpulli*. De origem incerta, é provável que essa instituição se tenha desenvolvido a partir dos antigos ritos de iniciação dos adolescentes que passavam para a vida adulta, testando suas capacidades e habilidades como novos membros da comunidade. Esses rituais, segundo Walter Krickeberg, parece que foram adotados com finalidades educativas e estendidos a todo o período de formação dos jovens (KRICKEBERG, 1990).

Não obstante, as “casas de solteiros” transformaram-se em centros de ensino religioso e bélico quando a sociedade asteca ampliou a importância dos sacrifícios humanos nos cultos religiosos, sobretudo a partir das reformas religiosas e sociais propostas por *Motecuhzoma Ilhuicamina* e *Tlacaélel*. Por outro lado, a conquista territorial, a necessidade de manter as possessões ocupadas sob controle e a captura de vítimas para os sacrifícios humanos garantiam a existência do *telpochcalli*, escola preparada para responder a esse quadro.

A entrada do jovem nessa escola era sempre comemorada pelos pais e responsáveis pelo processo formativo. Os pais, antes de levar seus filhos para o *telpochcalli*, faziam festas e convidavam seus futuros mestres para mostrar as boas maneiras de sua casa. Fazendo uso da palavra, comunicavam aos convidados suas intenções, faziam agradecimentos aos deuses e aos mestres ali presentes e recomendavam aos filhos vida reta e obediência para que fossem homens valentes.

Y si el padre y la madre querían meter a su hijo o hija en el monasterio que se llaman *telpuchcalli*, enviaban a llamar al que allí era mayor, que se llamaban *telpuchtlatoque*. Comían

y bebían y daban dones, mastles y mantas y flores por vía de amistad. Y el principal de aquella religión que se llama *telpuchcalli*, después de haber comido y bebido y recebido dones, tomaba en brazos a la criatura, hembra o varón, en señal que ya era su súbdita todo el tiempo que estuviese por casar, y en señal que ya era de aquella religión o manera de vivir que se llaman *telpuchcalli*, y agujerábanle el bezo de abaxo, y allí le ponían una piedra preciosa de barbote. (SAHAGÚN, 1988, p.437)

Da mesma forma, os mestres que acolhiam o novo integrante agradeciam aos pais por confiarem seu filho ao centro de educação. Rezavam e prometiam educá-los segundo a tradição.

Era costume da casa ofertar presentes ao deus protetor da escola, em geral flores e mantas tecidas de fibras. A qualidade das oferendas que traziam para os sacerdotes revelava a situação econômica e social do novo integrante do *telpochcalli*. Muito raramente, ofereciam plumas valiosas, por exemplo, a pena do *quetzal* ou pedras de jade para adornar vestes e o próprio corpo, pois este era um privilégio da nobreza asteca.

A formação, que se iniciava após as cerimônias, se constituiria num duro programa de treinamento, que somente iria se concluir por volta dos vinte anos, época em que o jovem poderia escolher a vida civil ou o serviço militar. Porém, no período que passava no *telpochcalli* recebia uma educação que variava em suas atividades, como, por exemplo, a formação religiosa e moral, a preparação para o físico, as atividades culturais, a disciplina e a capacitação para a guerra.

A compreensão mítica do mundo asteca era um dos aspectos fundamentais dessa sociedade e motivo de a religião ser um dos conteúdos obrigatórios na educação e uma das primeiras lições que o jovem recebia no *telpochcalli*.

Os mestres se preocupavam em ensinar por meio dos cantos, admoestações e das orações, que duravam uma parte do dia. Por não terem escrita alfabética, o método mais usual de ensino era a repetição das lições que os responsáveis pela escola pronunciavam. Os alunos procuravam decorar aquilo que era transmitido e, em caso de não pronunciarem corretamente, os mestres castigavam-nos perfurando-lhes a língua com espinhos de *maguey*.

Além disso, os jovens permaneciam em constante contato com as atividades do templo, sempre a cargo de um supervisor. Nesse local,



procuravam realizar as mais diversas atividades: participavam dos rituais realizados pelos sacerdotes, acendiam as fogueiras dentro do templo, jejuavam e cuidavam da limpeza do local.

As penitências a que eram submetidos se constituíam em parte importante no ensino da religião. Para o asteca, oferecer o seu próprio sangue era uma forma de demonstrar obediência e respeito aos deuses, além de ser um sinal de humildade. Por isso, os educadores procuravam fazer com que seus alunos perfurassem partes do corpo, orelhas e pernas para oferecer o sangue no templo.

Assim, os mestres do *telpochcalli* procuravam inculcar nos jovens astecas valores religiosos essenciais. Essa educação era complementada pelo ensino da moral e da obediência às leis da sociedade. O asteca também se preocupava com o ensino da moral, procurando instruir os jovens para conhecerem as normas que regulamentavam a sociedade. Sua finalidade era possibilitar aos alunos condições para serem obedientes, cordiais e moderados no agir, aprenderem o respeito e o amor que deveriam ter com os pais, os mais velhos e os mestres do *telpochcalli*. Estimulava-se a amizade com os sábios e com os companheiros da escola.

Nas lições diárias, os responsáveis pelo *telpochcalli* exortavam os meninos a se comportarem adequadamente, não sendo pessoas desonestas e grosseiras nos modos. As regras de comportamento variavam de acordo com o local onde estivessem. Na vida pública, por exemplo, andar devagar e com a cabeça baixa, ter cuidado com as bebidas alcoólicas, o respeito e o recatamento eram considerados valores essenciais.

A obediência ao conjunto de leis, que coíbiavam os vícios e os crimes, era o principal conteúdo a ser aprendido pelo aluno. Bartolomé de Las Casas dedica boa parte de seus livros a discutir as leis e costumes dos ameríndios. O autor destaca a violência das punições para crimes considerados hediondos: o adultério, o roubo, a traição. Além disso, demonstra que a obediência às leis e as punições previstas para as infrações eram mais rigorosas para os que ocupavam postos de comando da sociedade, pois deveriam ser exemplos de conduta, e neles a falta não poderia ser tolerada.

Si se hallaba que algún juez recebía presentes o dones y por ellos o por algún outro respecto hacía contra justicia en agravio de alguna de las partes, o también si se sabía que alguna vez se emborrachaba, si estos defectos acaecían en cosas pequeñas, los otros jueces lo reprehendían entre sí una y dos y tres veces ásperamente y, si no se enmendaba a la tercera vez, lo tresquilaban y con gran confusión lo privaban del oficio. Estas

penas eran de gran ignominia y afrenta entre aquellas gentes (LAS CASAS, 1992, p.1349).

Para complementar a formação, os mestres do *telpochcalli* procuravam estimular os jovens a manterem o tempo ocupado, praticando exercícios físicos ou realizando trabalhos comunitários.

Esse treinamento durava quase todo o dia e, mesmo durante parte da noite. Dormir com poucas roupas, mesmo no frio, sobre *petates*, uma espécie de tapete confeccionado com fibras de *maguey*, era parte do treinamento. Além disso, levantavam-se durante as madrugadas para banhar-se em água gelada, objetivando preparar-se para as condições adversas que a guerra poderia proporcionar.

[...] Dormíam con poca ropa, puesto que hiciese frío, y cuasi al sereno, en salas o aposentos abiertos como portales. La razón que daban era porque se curtiesen y ejercitasen con aquella aspereza, para sufrir mejor los trabajos de las guerras (LAS CASAS, 1992, p.1384-1385).

Não obstante, nem todos apresentavam as aptidões físicas necessárias para suportar a carga do treinamento. Para os alunos *macehualtin* que não conseguiam acompanhar o ritmo do treinamento, eram abertas outras possibilidades: o trabalho de manutenção dos *calpullis*, a pesca, o artesanato, limpeza pública, agricultura, atividades que não eram consideradas tão honrosas como a preparação para a guerra. Assim sendo, dentre os que entravam no *telpochcalli*, somente os de maior vigor físico, se por isso optassem aos vinte anos, seriam guerreiros.

Sendo assim, a educação no *telpochcalli* dispunha também de atividades que procuravam desenvolver habilidades sociais, visto não ser exclusividade o preparo de guerreiros.

Parte da formação dos jovens que estavam no *telpochcalli* se constituía de trabalhos e atividades práticas, que desempenhavam nos bairros. Esses trabalhos comunitários concorriam para que o jovem interagisse com a sociedade ao mesmo tempo em que o trabalho que desempenhava contribuía para a manutenção do templo.

Organizados em grupos, os jovens dirigiam-se aos *calpullis* para trabalhar levantando paredes de casas ou templos, prestavam serviços nas lavouras de milho e abriam canais ou drenos de irrigação. Nesse caso, estando na escola não se desligavam da vida econômica e social, mas contribuía para o bem-estar da comunidade ao prestarem serviços sociais.

Servían en las obras públicas y en hacer y reparar los templos; ocupábanse también en hacer todas las obras que pertenecían

al servicio exterior de los dioses; ayudaban a hacer las obras y casas de los señores principales. Tenían eso mismo de su comunidad sus casas y tierras y heredades que labraban, sembraban y cogían para su comer y vestir (LAS CASAS, 1992, p.1384).

Apesar das duras condições impostas aos alunos com relação às atividades físicas, existiam outras mais suaves e lúdicas, que tinham como finalidade a formação do espírito de grupo, dentre as quais se destacavam o canto e as danças. O aspecto cultural da formação dos alunos revestia-se de inúmeras atividades realizadas por meio de cantos, hinos e danças que os jovens executavam após o pôr-do-sol, depois de cumprirem as atividades diárias. O aprendizado das danças, cantos e representações era feito para cultuar os deuses e solicitar seus favores. Por outro lado, os hinos e cantares recitados ao som do *huehuetl*, tambor feito com um tronco oco de madeira, exaltavam sua história de conquistas.

Mestres da palavra, os *tlatinime*, procuravam recitar os cantos a fim de “fixar” na memória dos seus alunos toda uma série de textos que representavam a produção cultural dos astecas. Além disso, faziam festas, a cada vinte dias, em louvor aos deuses, ou para celebrar vitórias passadas, ou apenas como passatempo.

Suas poesias e os hinos sagrados que se recitavam nas festividades continham relatos míticos acerca das origens cósmicas e da criação dos homens, além de serem de caráter histórico.

Todo o processo educativo asteca era acompanhado pela punição que, ao que tudo indica, objetivava criar o hábito da austeridade e do domínio de si. As duras punições a que os jovens eram submetidos variavam de acordo com a idade e a falta cometida, chegando, em alguns casos, à expulsão da escola ou até à morte.

Si los traviesos o mal criados, con mucha diligencia y rigor los castigaban, reñiéndoles a veces de palabra; otras, hortigándolos con hortigas en lugar de azotes por todo el cuerpo; otras veces, dábanles con vegas, y si no se enmendaban, colgábanlos de los pies y dábanles humo a narices (LAS CASAS, 1992, p.1383).

Segundo Bartolomé de Las Casas, os rigores que os mestres usavam no *telpochcalli* destinavam-se a coibir nos alunos a possibilidade de transgressão dos costumes da escola. Por outro lado, o objetivo desse instrumento parece ter sido habituá-los às condições adversas que a guerra impunha (LAS CASAS, 1992).

Os astecas devotavam, como já mencionado, um verdadeiro culto

às atividades bélicas. Para os jovens guerreiros, nada havia de mais honroso do que aprisionar as vítimas para os sacrifícios ou até mesmo chegar à morte no campo de batalha. Tal empenho tinha pelo menos duas razões. Antes de tudo, a vida dedicada à guerra era concebida como missão religiosa. Em segundo lugar, a guerra tinha função econômica, visto as conquistas possibilitarem a arrecadação de tributos.

Todas as noites treinamentos bélicos eram complementados com as histórias guerreiras contadas por velhos combatentes.

Após treinamentos iniciais com exercícios físicos e adestramento das armas, os jovens acompanhavam os guerreiros mais experientes na condição de escudeiros. Os novatos observavam os guerreiros profissionais em ação. Em alguns casos, se arriscavam na tentativa de aprisionar alguma vítima. Mas somente na segunda vez em que freqüentavam as batalhas tomavam parte dos combates, para realizar aquilo que fora treinado (NICHOLSON; CARLSON, 1998).

Completado o período de formação, que durava aproximadamente três anos, os jovens estavam prontos para a vida e, por extensão, para o casamento, quando se tornavam membros efetivos da comunidade. Não obrigatoriamente seguiam a carreira militar, podendo dedicar-se a atividades civis, como o artesanato, o comércio, a agricultura, entre outras, as quais contribuiriam para a manutenção da sua comunidade, o que não dispensava da obrigação de cumprir o serviço militar, em tempos de guerra.

Os que optavam pela carreira militar recebiam suas armas, como o escudo de plumas amarradas em bambus, as lanças com pontas de sílex e o *atlatl*, atirador de flechas que permitia um arremesso maior e com mais força. Os mais experientes e destacados recebiam armas mais pesadas, como a clava, com lâminas cortantes de obsidiana incrustadas em suas laterais, o colete e um capacete devidamente decorado, demonstrando sua posição entre os guerreiros.

### 3.2 - Calmécac: a Escola de Sacerdotes

De origem duvidosa, é provável que o *calmécac* também tenha surgido durante as reformas religiosas empreendidas por *Motecuhzoma Ilhuicamina*, período em que os astecas gozavam de relativa estabilidade. Nesse momento, também haviam se expandido os serviços públicos e a participação da classe sacerdotal.

Segundo Jacinto Ordoñez, a quantidade de *calmécac* existente para preparar os jovens astecas era relativamente limitada, em torno de 2

em cada *calpulli*, o que demonstra não ter sido tal sistema estendido a regiões mais distantes do Império (ORDOÑEZ, 1992). O número limitado indica que esse tipo de colégio não era freqüentado pelo povo comum, mas pela nobreza, desejosa de ampliar sua influência política e religiosa.

Segundo a tradição, a idade para ingressar nessa escola variava entre os 10 e os 13 anos. Nela os meninos passariam a submeter-se a uma vida austera, caracterizada pelo domínio de si mesmos e pela dedicação às funções religiosas, qualidades muito próximas às do deus patrono do *calmécac*, *Quetzalcóatl*.

O ingresso era acompanhado por rituais religiosos, como orações e penitências, e por festas que os pais ofereciam aos futuros mestres dos seus filhos. Ao receber os responsáveis pelo *calmécac*, o chefe da casa fazia discursos recomendando seu filho ao responsável.

¡Ah, señores sacerdotes y ministros de nuestros dioses, habéis tomado trabajo de venir aquí a nuestra casa, y os truxo nuestro señor todopoderoso! Hacemos os saber que nuestro señor fue servido de hacernos merced de darnos una criatura, como una joya o pluma rica que nos fue dada. [...] Por tanto, humildemente rogamos que le recibáis y toméis por hijo para entrar y vivir con los otros ministros de nuestros dioses en aquella casa donde hacen todos los ejercicios de penitencia, de día y noche, andando de rodillas y de codos, orando, rogando y llorando y sospirando ante nuestro señor (SAHAGÚN, 1988, p.226-227).

Da mesma maneira, os sacerdotes agradeciam aos deuses e aos pais por confiarem seus filhos e os levavam para o *calmécac*. Enquanto isso, os pais ofertavam plumas e pedras preciosas para agradecer às divindades no templo. Os sacerdotes, por sua vez, pintavam o corpo do menino com tinta negra, colocavam um colar de contas de madeira, ofereciam-lhe ervas medicinais e cortavam-lhe a orelha, sacando sangue para oferecer a *Quetzalcóatl*, em sinal do espírito de serviço e de penitência que deveria cumprir.

Aquí oímos vuestra plática, aunque somos indignos de oírla, sobre que deseáis que vuestro amado hijo o vuestra piedra preciosa o pluma rica entre e viva en la casa de *calmécac*. No somos nosotros a quien se hace esta plática; mas hácese al señor *Quetzalcóatl*. [...] El es a quien habláis. El sabe lo que tiene por bien de hacer de vuestra piedra preciosa y pluma rica, y de vosotros sus padres. Nosotros, indignos siervos, con dudosa esperanza esperamos lo que será (SAHAGÚN, 1988, p.227).

No *calmécac*, os meninos passariam a cumprir um exigente programa, considerado fundamental para a sua formação. Os jovens aprendiam as danças, a pintura, a astrologia, a história, a retórica, a contagem dos dias, a interpretação dos sonhos e a oratória, bem como as regras que definiam um comportamento considerado exemplar.

Segundo Bernardino de Sahagún, os jovens eram obrigados a se levantar de manhã, antes de o sol nascer, para o aprendizado dos ritos sagrados no templo. As recomendações dos sacerdotes buscavam orientá-los a cumprir integralmente as tarefas exigidas. À noite, procuravam velar, rezar e praticar penitências, furando partes do corpo com espinhos de cacto, para oferecer sangue aos deuses (SAHAGÚN, 1988).

A humildade, a castidade, o vestir-se com poucas roupas, a moderação no comer, a abstinência e jejuns eram hábitos que os jovens procuravam cultivar como condição indispensável para o serviço à religião. Para obter esse comportamento, a educação vinha acompanhada por uma disciplina rígida e abundantes castigos, motivo pelo qual o *calmécac* era cognominado por “casa de choros e lágrimas” (SAHAGÚN, 1988, p.439).

O ensino do bem falar no *calmécac* obedecia critérios e funções próprias. A fala assumia uma propriedade ritual e também era considerada ferramenta para o bom desempenho religioso e para a administração imperial.

O cuidado com o bem falar, principalmente para os que iriam exercer funções consideradas estratégicas, como os altos cargos na estrutura administrativa do Império e na hierarquia sacerdotal, era reservado para poucas pessoas. Nesse caso, a oratória e a argumentação eram peça chave para a manutenção do poder, tanto que se constituía como um dos principais quesitos para esses atores sociais.

[...] entre los mexicanos, entre los cuales los sabios retóricos, virtuosos y esforzados, eran tenidos en mucho. Y éstos elegían para pontífices, para señores y principales y capitanes por de baxa suerte que fuesen. Estos regían las repúblicas y guiaban los exércitos y presidían en los templos. (SAHAGÚN, 1988, p.305)

Tal característica levou o *calmécac* a ser conhecido como uma escola de interpretação, de oratória e retórica, pelo que os mestres tomavam os cuidados necessários para que os alunos se tornassem bons oradores (TODOROV, 1999).

Uma das manifestações mais importantes da fala ritual é conhecido por *huehuetlatolli*, discursos aprendidos de cor que tratavam de temas com forte conotação social; quase todos compilados por Bernardino de Sahagún,

e reunidos no capítulo VI de seu livro. Nele, aparecem rezas, cerimônias, ritos de passagem de nascimento, casamento, funerais, o ideal de autodomínio e de resistência às paixões. A função dos *huehuetlatolli*, é preservar o conjunto de normas e regras de uma geração para outra e garantir a identidade da coletividade, o que explica sua importância na educação dos jovens (TODOROV,1999).

Para o aprendizado da fala ritual e da arte da oratória, os mestres utilizavam técnicas de memorização que permitiam aos jovens reproduzir os discursos sem cometer erros. Os *tlamatinime*, sábios oradores, pronunciavam ou cantavam os textos decorados para que os alunos pronunciassem exatamente como havia sido feito. Ao menor erro do aprendiz era castigado severamente.

Além disso, usavam um método para prender a atenção do ouvinte: em primeiro lugar, os velhos mestres procuravam recordar o amor e o cuidado que seus pais tinham pelos seus filhos e lembravam de que a vida é breve; exaltavam a importância e o valor do jovem para, depois, iniciar toda uma seqüência de exortações.

Hijo mío muy amado y muy querido, nota lo que te diré. Nuestro señor te há traído en esta hora donde te quiero hablar cerca de lo que debes guardar todos los días de tu vida. Y esto hago porque eres mi hijo muy amado y muy estimado, más que toda piedra preciosa, más que toda pluma rica, que no tengo más que a ti. Tú eres el primero y el segundo y el postreo. [...] Quiero hacer mi deber, porque si mañana o esotro día Dios me llevare y quitare de sobre la tierra, porque es todopoderoso. [...] Pues, hijo mío, nota y entiende lo que te diré. (SAHAGÚN, 1988, p.373-374)

Essas declamações eram inspirados nos “Preceitos dos Antigos”, catálogo de conselhos e admoestações destinado a manter os jovens no caminho certo. Segundo Nicholson e Carlson, estimulavam “torneios de eloqüência” durante os quais oradores exibiam seu talento para a palavra, usando de refinadas metáforas. O procedimento mais usual era associar duas palavras ou expressões para exprimir uma noção abstrata. Desse modo, por exemplo, palavras significando jade e penas transmitiam o conceito de beleza (NICHOLSON; CARLSON, 1998).

Importa considerar que o domínio do conhecimento, expresso nos *huehuetlatolli*, demonstrava distinção dos setores sociais, pois as pessoas comuns não eram dotadas do mesmo refinamento e saber, o que as excluía da possibilidade de ocupar uma posição privilegiada na estrutura social.

Os astecas, segundo a tradição, eram verdadeiros adoradores da arte, da poesia e dos cantos sagrados. Suas poesias, mais conhecidas como “flor e canto”, se ocupavam de temas diversos que variavam dos hinos em louvor aos deuses a verdadeiras reflexões que tratavam da vida, da amizade e da guerra. Seu conteúdo expressava as crenças e as preocupações da vida cotidiana.

Os assuntos dessas poesias organizavam-se, em geral, em torno de dois temas: a beleza da vida, do mundo e das flores; e a morte.

Oíd con atención, vosotros, los nobles y generosos. Principalmente enderezo mis palabras a ti, que eres ilustre y de sangre real. Tened cuidado del ejercicio de tañer y cantar en coros, porque es ejercicio para despertar los ánimos de la gente popular, y huélgase Dios de oírlo, porque es lugar y ejercicio para demandar a Dios cada uno lo que quisiere, y para provocarle a que hable al corazón, porque cuando es llamado con devoción para que dé su ayuda y favor, hace mercedes (SAHAGÚN, 1988, p.354).

Os cantos, assim como as danças, eram ensinados geralmente ao pôr-do-sol, logo após as atividades diárias. As últimas eram ensaiadas acompanhadas pelos sons dos tambores que marcavam o compasso.

Com frequência, praticavam-se danças públicas e privadas, principalmente nas cerimônias religiosas. O ritual regulamentava minuciosamente as atitudes e os gestos e ajudava na memorização dos cantos. Na praça central, ao clarão de tochas e braseiros, as danças eram tidas como um ritual e um meio de “ganhar aprovação” aos olhos dos deuses (SOUSTELLE, 1987).

Havia tipos diferentes de danças, mas todas com um fim muito concreto: a representação do mistério religioso, da guerra, da caça e da agricultura (ORDOÑEZ, 1992).

A importância do conhecimento da história colocava os *tlamatinime*, os sábios astecas, como os mais elevados guias capazes de penetrar nas antigas doutrinas e, a partir delas, elaborar suas concepções de mundo, de homem e de religião. Essa característica conferia aos sábios o estatuto de pessoas mais respeitadas da sociedade asteca. Motivo do cultivo da memória e o registro histórico tiveram especial atenção no *calmécac*. O jovem aprendia a história de seu povo por meio de memorização, pinturas em afrescos ou nos “livros” sagrados conhecidos por Códices. Assim, preservavam a história e as experiências diárias, fossem coletivas ou individuais.

Esses “livros” pintados eram verdadeiros documentos que



registravam a história. Os Códices haviam reunido informações sobre os deuses, os ritos e festas religiosas, os calendários e cálculos astronômicos, o conhecimento sobre plantas e animais, mapas, o inventário das riquezas do reino, o cadastro das províncias que pagavam tributos e a genealogia dos reis e das famílias nobres (FLORESCANO, 2000).

Pintados nos *calmécac*, os Códices representavam uma das mais altas expressões da cultura asteca e um instrumento para controlar informações a respeito do Império. Essa diversidade de atividades registradas, mostra a complexidade da educação do jovem, ao mesmo tempo que revela a especificidade de certos conteúdos para atender à demanda de especialistas necessários para dar conta da burocracia imperial.

A astronomia era um dos conteúdos necessários para o ofício sacerdotal, pois grande parte dos ritos estava associada aos fenômenos celestes. No topo de pirâmides, devidamente posicionados, os especialistas observavam o céu, para fazer previsões. Nesses templos, contemplavam o firmamento à procura de sinais e de conjuntos de constelações para marcar as datas dos cerimoniais ou adivinhar os signos, necessários para pôr o nome nas crianças, para casamentos e para realizar batalhas, plantios ou colheitas.

Segundo Jacques Soustelle, os sacerdotes astecas, astrônomos e astrólogos, tinham conhecimentos precisos quanto à duração do ano, à determinação dos solstícios, às fases e eclipses da lua, ao planeta Vênus e a diversas constelações como as Plêiades e a Ursa Maior (SOUSTELLE, 1987).

Também Bernardino de Sahagún destacou a habilidade dos astrônomos em ler os astros, em saber a hora e a data do nascimento de cada pessoa para conhecer suas inclinações naturais. Sahagún dedicou todo o capítulo quatro de seu livro ao estudo das práticas dos adivinhos, bem como do significado dos signos religiosos.

Cosa muy sabida es que los astrólogos llamados *genethliaci* tienen solicitud en saber la hora y punto del nacimiento de cada persona, lo cual sabido adivinan y pronostican las inclinaciones naturales de los hombres por la consideración del signo en que nacen y del estado y aspecto que entonces tenían los planetas entre sí y en respecto del signo. Estos astrólogos o adivinos fundan su adivinanza en la influencia de las constelaciones y planetas, y por esta causa tolérase su adivinanza y permítase en los reportorios que el vulgo usa, con tal condición que nadie piense que la influencia de la constelación

hace más que inclinaar a la sensualidad, y que ningún poder tiene sobre el libre albedrío. Estos naturales de toda Nueva España tuvieron y tienen gran solicitud en saber el día y hora del nacimiento de cada persona para adivinar las condiciones, vida y muerte de los que nacían (SAHAGÚN, 1988, p.231)

O conhecimento do curso celeste e o manejo dos ciclos temporais eram de grande importância para os que estudavam no *calmécac*, pois a leitura dos astros ajudava não apenas a determinar as datas cerimoniais, mas na tomada de decisões importantes para o Império. *Motecuhzoma Xocoyotzin*, por exemplo, não deixava de consultar os astros e interpretar os presságios, quando atormentado pelas notícias que recebia dos mensageiros sobre os “visitantes estranhos” espanhóis, que desembarcaram no litoral, em 1519.

A contagem do tempo era realizada através de dois calendários: um civil, representando o ano comum, *xihuitl*, tinha dezoito meses e cada mês vinte dias, totalizando trezentos e sessenta dias, mais um período adicional de cinco dias, chamado de *nemontemi*; outro calendário era ritual, *tonalpohualli*, formado pela combinação de vinte nomes de dias com treze números, totalizando duzentos e sessenta dias.

Segundo Walter Krickeberg, os astecas tinham uma concepção de tempo diferente do homem europeu, para quem era apenas um meio neutro no qual os acontecimentos se sucedem numa relação de dependência causal. Para os astecas, os dias, meses e anos tinham características divinas e incorporavam a vontade dos deuses, ou seja, o próprio tempo era divinizado (KRICKBERG, 1990).

No *calmécac*, além da astronomia, os alunos estudavam os manuscritos de caráter calendárico e religioso, que continham informações sobre os dias de festas, os meses com cada um dos seus regentes divinos, os símbolos dos dias, representações das cerimônias que acompanhavam as festas para o deus anual.

Tudo indica que o homem do povo estava distanciado do entendimento desse complexo sistema, cuja formulação, interpretação e aplicação cabiam apenas àqueles “eleitos” que estudavam no *calmécac*. Ao popular restava apenas adorar e obedecer à vontade dos deuses manifesta nas palavras dos sacerdotes e nobres.

Assim, a proposta educacional asteca, que assumiu um perfil guerreiro e religioso, objetivava formar um modelo de homem capaz de responder às necessidades produtivas do Império.

#### 4 - Conclusão

---

O desenvolvimento asteca, do qual resultou um grande Império, formado no centro do México, aponta para o entendimento de que a estratégia utilizada para esse fim recebeu contribuição do seu processo educacional, que foi desenvolvido em três estâncias: na família, na sociedade e em escolas especializadas, o *telpochcalli* e o *calmécac*.

Esse processo teve início quando os astecas empreenderam uma imigração, passando pelo deserto, à procura de novo território. Essa busca, motivada pelas promessas do deus *Huitzilopochtli*, objetivava superar os problemas advindos da aridez do seu hábitat. A hostilidade do ambiente, a falta de água e de caça e a condução do povo na condição de guias constituíram fatores que levaram os chefes a organizarem a sobrevivência do grupo mediante a definição de normas de comportamentos que possibilitassem disciplina, para um melhor aproveitamento das condições limitadas do deserto. Esse conjunto de orientações dadas pelas lideranças e respaldadas pelos religiosos efetivou um processo de manipulação religiosa que vinha sendo desencadeado desde *Aztlán*, a promessa de *Huitzilopochtli*.

Muito provavelmente, de acordo com esse projeto político-social essas principais lideranças se efetivavam ampliando sua influência e estabelecendo valores que tinham por objetivo ordenar seus membros e dar unidade ao grupo. Essa produção de idéias e valores passava pela moral, pelo serviço que deveriam prestar aos deuses e pela regulamentação de rígidas leis.

À medida que essas regras tornavam-se insuficientes e as relações sociais apresentavam problemas, novos controles eram exigidos, cabendo a nobreza e aos sacerdotes buscarem soluções para garantir o controle e a ordem social.

Nessas elaborações, a família e a comunidade não foram esquecidas, ao serem convocadas a assumirem o seu papel na construção de uma sociedade que se pretendia ideal para garantir a manutenção cósmica, sempre ameaçado de destruição.

Quando a sociedade asteca se tornou mais complexa, criou necessidades que requisitaram outros instrumentos de controle e manutenção social, os quais foram subsidiados pelas normas e experiências anteriores, dentre os quais destacam-se os centros educacionais: o *telpochcalli* e o *calmécac*. Sendo assim, a educação institucionalizada deu condições para criar e recriar as bases produtivas e ideológicas do império asteca, visto o seu corpo curricular corresponder ao requisitado pelo modelo de homem que queriam formar.

Nessa conjuntura, cabia ao *calmécac* uma formação de forte caráter religioso, destinada aos jovens dos setores dominantes da sociedade asteca, muitos dos quais assumiram a vida religiosa e a alta administração do Império. Nesse caso, no *calmécac*, materializava-se a aliança celebrada entre os sacerdotes e a nobreza.

No que se refere ao *telpochcalli*, a importância da preparação do guerreiro para a sociedade asteca pode ser apreendida pelo papel que se atribuía à guerra, possibilitadora das bases para a produção da vida no Império. Estrategicamente, os astecas não substituíam os setores dominantes locais pelos de origem mexicana, assim como mantinham intactas as estruturas sócio-econômicas. Em contrapartida, destruíam as suas forças militares. Com esse expediente, as comunidades submetidas permaneciam como células econômicas do Império, o que fornecia grandes contingentes humanos, sem separá-los da produção, o que garantia a estabilidade produtiva do território, mesmo com a expansão das suas fronteiras (PEREIRA MELO, 2000).

Tanto o ideal guerreiro do *telpochcalli* quanto o de sacerdote do *calmécac* desempenharam seus papéis, ao contribuírem para criar e recriar as condições materiais e espirituais de existência na sociedade asteca, assegurando a sua reprodução, considerando-se o caráter econômico das guerras e o papel assumido pela religião no mecanismo de dominação (PEREIRA MELO, 1998).

Embora distintos, tanto o *calmécac* como o *telpochcalli* propunham o cumprimento das leis, o respeito à tradição e à prática religiosa, pois pesava sobre o asteca o temor do fim do mundo, que somente poderia ser evitado com a adequação do comportamento à religião e a ordem estabelecida. Com essa característica a educação asteca cumpriu o papel que lhe foi destinado, de manter a ideologia e a ordem vigentes. E a escola, enquanto elemento produtor e reproduzidor dos conhecimentos e dos valores sociais, possibilitava incorporar os jovens na vida produtiva do império regulamentando e ordenando o conjunto social para que correspondesse com suas necessidades.

Isto posto, importa enfatizar que os astecas, entre os séculos XV e XVI, ao buscarem soluções para seus problemas sociais, encontraram no processo educacional informal e formal parceria eficiente, em vista de seu empenho em formar seus jovens com características que correspondessem às necessidades materiais e espirituais da sociedade.

## 5 - REFERÊNCIAS

- BELTRÁN, Gonzalo Aguirre. *Teoría y práctica de la educación indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- FLORESCANO, E. *Memoria mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- KRICKEBERG, W. *Las antiguas culturas mexicanas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- LAS CASAS, Bartolomé de. *Apologética historia sumaria*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.
- MENDIETA, Gerônimo. *Crianza y discursos didacticos a los hijos*. In: AUSTIN, A. L. *La educación de los antiguos nahuas*. México: Secretaria de Educación Pública. S/d. p. 35 – 55.
- NICHOLSON, H. B. (Org.). *Astecas: reinado de sangue e esplendor*. Rio de Janeiro: Abril Coleções, 1998.
- ORDÓÑEZ, J. *La educación precolonial de indoamerica: su filosofía*. *Cuaderno Prometeo*, Costa Rica, n. 8, p.1-155, maio, 1992.
- PEREIRA MELO, José Joaquim *A educação no Império dos preferidos do sol*. *Revista Teoria e Prática da Educação*, Maringá, UEM, v. 4, n.9, p.-41-56, 2000.
- SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva Espana*. Madrid: Elianza Editorial, 1988.
- SOUSTELLE, J. *A civilização asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VILLORO, Luis. *Los grandes momentos del indigenismo en México*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.